



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

**PAPERS DO NAEA Nº 056**

**IMAGENS DE BELÉM, PARADOXO DA MODERNIDADE E  
CULTURA NA AMAZÔNIA**

**Rosa Acevedo  
Ernani P. Chaves**

**Belém, janeiro de 1996**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Marcos Ximenes Ponte

### **Vice-reitor**

Zélia Amador de Deus

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Francisco de Assis Costa

### **Diretor Adjunto**

Tereza Ximenes Ponte

## **Conselho editorial do NAEA**

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

## **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_naea@ufpa.br](mailto:editora_naea@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_naea@ufpa.br](http://Papers_naea@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 056

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# Imagens de Belém, Paradoxo da Modernidade e Cultura na Amazônia

---

Rosa Acevedo e Ernani P. Chaves

Entender a cidade moderna implica construir um saber acerca da sua singularidade. Bolle (1994:33) afirma que para a compreensão das "metrópoles do Terceiro Mundo deve-se consultar seus auto-retratos". Os retratos de cidades, peças literárias e filosóficas escritas por Walter Benjamin sobre Berlim, Paris, Moscou, Nápoles constituem um dos exemplos mais importantes dessa tentativa. Eles revelam um conceito de cidade profundamente metafórico, como se a metáfora fosse o modo de acesso possível a sua compreensão: lembrando Baudelaire, ela mudaria mais rápido que o "coração de um mortal", através da proliferação incessante de significados aparentemente confusos e arbitrários, à espera de sua decifração. Daí, a dificuldade de uma única leitura da complexidade da cidade moderna, uma vez que dela temos somente condições de perceber aquilo que podemos interpretar.

A propósito das imagens de Belém procede-se neste ensaio a partir daquilo que Adorno, nos rastros de Benjamin, apontava em seu texto "O ensaio como forma": trata-se de registrar "fragmentos", a partir da constatação de um eixo para revelar as imagens paradoxais da cidade de Belém como uma experiência "frágil" de modernidade. Este enfoque não se efetiva apenas com os instrumentos ou materiais já testados na leitura do "fenômeno urbano", na medida em que pressupõe interpretações dentro de outro sistema teórico-filosófico. Trata-se de buscar no pensamento benjaminiano, leitura marcante e axial, os conceitos de imagem (em especial o de "imagem dialética"), perda, labirinto, fantasmagoria, montagem, circunscritos em uma determinada concepção de história.

Tentar entender Belém da "atualidade" - conturbada e decadente realiza-se através de uma leitura crítica do passado e do presente. Este exercício de refletir sobre a cidade, e em particular sobre Belém, procede por aproximação e distanciamento, para elaborar suas imagens, seus retratos, para tentar decifrar a profusão de metáforas desta cidade enigmática na "periferia do capitalismo". A título de procedimento buscar-se-ia essa montagem, onde interferem literatura, arquitetura, moda, fotografia, cinematografia, "memórias", sem pretensão de atingir uma explicação totalizadora. Antes de consagrar um novo significado conclusivo sobre Belém e com isso correr o risco de "reificar" a sua "modernidade", pressupõe-se compreender que o *Homo Modernicus* em Belém, *cidade moderna*, corresponde a saber que isso não é mais possível: tanto este "homem" quanto esta "cidade" se encontram, de algum modo, perdidos para sempre. Assim, ao contrário de múltiplas descrições contemporâneas de Belém, apoiadas em argumentos moralizantes e "saudosistas", que apelam para uma volta a uma continuidade perdida, a uma

harmonia perdida, enfim a uma espécie de "paraíso perdido", trata-se, de enfrentar um dilaceramento fundamental do sujeito em confrontação com a cidade moderna.

Na análise de Gagnebin (1994:62) acerca da modernidade de Baudelaire segundo Benjamin: "Baudelaire não é nem um poeta *kitsch* romântico que ficaria preso à nostalgia de um passado, nem um esnobe triunfalista que se limitaria a celebrar cada novidade. Sua verdadeira modernidade consiste, segundo Benjamin, em ousar afirmar, com a mesma intensidade, o desejo e a impossibilidade da volta a esta origem perdida desde sempre". Nesta perspectiva, em Benjamin, a modernidade assinala uma época, mas ao mesmo tempo a força que aproxima essa época, do antigo.

A chamada "crise da modernidade" tem sido objeto de constante indagação. Questiona-se, por exemplo, se é absolutamente necessário "ser moderno" no sentido consagrado por Rimbaud, ou seja, um sentido visionário ou um sentimento de impotência ante um desafio ou ainda um ideal perpétuo que revela o afrontamento entre o "antigo e o moderno". Outros intérpretes se posicionam contra a ambição da modernidade de operar como um absoluto em nome de uma ideologia da necessidade histórica, que se impõe às culturas e às sociedades.

*Imagens de Belém, Paradoxo da Modernidade e Cultura da Amazônia*, constitui um desafio para sua montagem, que permitirá experimentar nesse caminho outra escrita da história da cidade e de perfilar nela, o quadro da modernidade e cultura de Belém.

### **Belém, lugar da modernidade**

*"A mais bela, rica, grande e nobre cidade do Pará. E das maiores, e mais populosas da América Portuguesa, e talvez que também das mais ricas, por acoderem a ela todas as riquezas de todo o Amazonas de todo o districto da Majestade Fidelíssimo; e ouro das minas de Mato Grosso, e das mais, que tem o rio nas suas margens .... Já corre entre eles u'a como profecia, de que a sua cidade se ha de vir a chamar o Porto do Ouro"*

João Daniel *Tesouro Descoberto do Rio Amazonas*. 1749 Vol I, p. 284-285

A profecia da prosperidade, dizia que a riqueza viria do rio, onde haveria um imaginado "*Porto do Ouro*", batizando a cidade. O tempo trouxe sinais equívocos e a "mais bela, rica, grande e nobre" cidade metamorfoseou-se: Quem consente em dizer que é "a mais bela", se observá-la a olho nu não saberia afirmar ser "rica". Concordaria em ser "grande" e buscaria saber porque ela é "nobre". Volta-se à epígrafe para beber as palavras do "narrador" de 1749. O sonho não se realizou. No tempo instantâneo do presente, atualiza-se o passado, no desejo de romper barreiras e aproximar-se do rio: salvar o rio é repetir a idéia dessa cidade de João Daniel.

Mas, o que separa o desejo da sua realização? Entre 1749 e 1995, centenas de edifícios estão plantados no centro, cujas sombras, agora dominantes, espalham-se sobre esta cidade do Trópico. Elevam-

se como barreira física e social. A construção desta muralha rompe abruptamente o horizonte visual de quem a observa desde as ilhas. A cidade não está de frente para a Baía do Guajará. Os edifícios projetam sombras sobre o rio, mas a cidade não mais "tem o rio nas suas margens", que apenas pode ser olhado furtivamente a partir de fendas mascaradas. Vive-se de costas para o rio, rejeitando totalmente o vínculo aquático. Traçado "iluminista", oposto a toda ligação com a floresta, com as águas, símbolos demasiados mágicos. Assim, a cidade volta-se totalmente para a Europa, símbolo por sua vez, das "luzes", do progresso, da civilização e da cultura. Numa palavra: símbolo da modernidade. A cidade reflete, dramaticamente, as "*situações de dissociação em relação ao seu meio natural, social, histórico, cultural*", que Chesneaux (1989: 12) tão bem traduz na categoria geral do "fora do seu chão" ("hors-sol").

Outro narrador, de 1669, fala da cidade como um "*arrabalde da América*" - palavras pronunciadas no *Sermão da Epifania* pelo Pe. Antônio Vieira, sobre a recém -fundada Belém do Pará. *Arrabalde* significa "cercanias duma cidade ou povoação, subúrbio". Provavelmente, foi a única vez que este termo foi usado para dizer algo sobre a maior cidade banhada pelo Amazonas. Nesse século, a expressão não era inócua, estava talvez vulgarizada na língua portuguesa como na espanhola. Arrabalde tem um conteúdo forte. Nele, as "luzes" da cidade não se iluminam. O "narrador" colocou Belém em uma referência particular, o arrabalde da América, onde a civilização européia precisava afirmar-se e prosseguir. A visita do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição anunciava-se. Mas, antes, o "narrador" vítima das tensões políticas fora expulso da cidade. Ele precisou localizar Belém e o fez, curiosamente, na "cercania" desse espaço difuso do novo continente, do Novo Mundo. A idéia de cidade da periferia também está no presente de uma metrópole periférica do Brasil e do capitalismo.

Compreender a transformação de Belém, que "muda mais rápido que o coração do mortal", supõe **memórias**, imagens polifônicas da cidade que se perdeu para sempre, que se transfigurou, mas cujo passado não está morto. Imagem, **que é o real**, e não mera representação, pois é ela que torna possível o conhecimento da realidade.

## **Paradoxos da Modernidade em Belém**

Belém, no fim do século XX, é uma colagem composta. A especulação imobiliária a remodela permanentemente, quase quotidianamente. Perdeu pequenos, grandes igarapés e o rio como um de seus habitantes. No seu lugar, encontram-se muitas travessas, algumas passarelas e ruas. Nelas, circulam carroças, bicicletas, mas domina a violência veicularista dos ônibus e carros, enquanto os usuários do transporte público apinham-se. Esses eixos para veículos são traçados com essa funcionalidade e dificilmente pode-se transitar a pé. Nelas, nem os visitantes, nem os residentes pensariam *flâner* livremente. A rua existe para o carro e experimenta-se, a todo momento, o risco. A liberdade custa a ser encontrada "fora ou dentro de casa". A mais modesta casa plantou na janela uma grade e o edifício menos

nobre tem portão e guardião. Resposta a esse risco e aos choques e tensões da violência. Para respirar, existem pouco espaços verdes; na "rua não se pode respirar, nem andar, nisto que foi chamado de pulmão da terra". Mesquinhamente, está oferecido ao usuário da cidade, três ou quatro praças, e um "bosque". Aqui e ali as praças conquistadas freneticamente por camelôs e artesãos ou pelos amantes do *cooper*. Catedrais, basílicas, igrejas e algumas obras arquitetônicas formam um pequeno pedaço de "peças de museu", que parecem esquecidas, como se pertencessem à outra época remota, tão diferente da época atual, que as torna quase ilegíveis e profundamente misteriosas.

O "passado reprimido" está debaixo das sombras. Para olhar Belém, seguramente não é possível pensar fixados na cidade "colonial", presos à armadilha consoladora da nostalgia. Desta cidade do século XVIII restam apenas os fragmentos, os cacos do que foi talvez a sua formação mais acabada - pois suas mais importantes obras arquitetônicas remontam a essa época. Marcas pregnantes deixadas pela menos decantada riqueza do cacau, a expressar essa tensão de identidades: a da cultura local e daquela propugnada pelos ideais "iluministas".

Essa metrópole que parecia auguriar-se e espelhar-se em uma riqueza infinita retirada da floresta e acumulada pela "economia da borracha", também mergulha em sombras. Mas, é dessa Belém que se encontra a representação mais "fantasmagórica". A Belém no "apogeu da borracha" construiu a montagem original da cidade "moderna", concebida para transcender ao século XX. Ora, nem a profecia do "Porto do Ouro", nem a tentativa mais extremada de sua concretização - a Belém da *Belle Époque* - resolveu esse conflito que perpassa sua busca de uma identidade. Em vez do "eterno fausto", a "decadência", a presença irremediável da perda, o sentimento do efêmero, a dolorosa constatação de que tudo passou e, ao mesmo tempo, a esperança sempre alimentada de um retorno.

Questão paradoxal: poder ou saber olhar, escrever e falar da imagem de Belém, a partir de um ponto de vista diferente daquele do pensamento formalizador dos planejamentos e visivelmente contrário aos passos que esse ideal do planejamento trilhou, ideal coetâneo das interpretações corroídas por uma "funcionalidade", pelo compromisso obstinado com a idéia de um "progresso". A política premeditada, pensada por suas elites e imposta aos seus errantes do campo e da cidade. O "rural e o urbano", no horizonte da modernidade, perde-se de vista e a cidade do "errante" é tão transitória como ocupar um lugar despersonalizado em um edifício, conjunto habitacional ou "invasão" (expressão usada para falar da ocupação de terrenos e conjuntos habitacionais, fala-se igualmente de "invasores" e de "indústria das invasões").

A cidade, por sua vez, tem mil portos e, virtualmente, por estes, mil entradas. Em cada canto existe um dono. São os donos das margens do rio, que persistem duplamente no interesse privado. Donos das margens, porque são "donos" de serrarias, de fábricas de castanha, de clubes, de hotel, de instituições.

Mas, também nelas se encontra o dono do barracão, moradia humilde, que também se colou ao lado dessa propriedade aviltante do rio. Assim, cria-se um "chão" disputado por uns e outros. O refúgio/moradia de *errantes* rurais e urbanos (a alegoria do migrante) seguem traçados difíceis. A "margem" do rio se desdobra como metáfora dos que vivem "à margem". No engenhoso sistema de fendas, de janelas e portas, corta-se a possibilidade da intimidade, do individual que a sociedade moderna glorifica.

A elite ambicionou a riqueza que descia o rio e os incorporou - o rio e sua riqueza - ao seu "negócio". A moradia humilde, apesar de tudo, sobrevive sem estar distante do centro e, ao mesmo tempo, sem deixar de estar nos *arrabaldes*. O espaço está descomposto e se dissolve a serviço de cada um, segundo sua lógica particular. O Centro é uma zona monofuncional, intermitente, de ocupação nos dias comerciais e de vazio que se segue, quando o locutor do alto-falante anuncia a Hora da Ave-Maria. Momento que corresponde a um espaço tanto quanto a tempos limitados. A cidade perde suas propriedades topológicas, nas quais os homens podiam se situar e orientar. O espaço concreto representa uma base prioritária e é a lógica da circulação que organiza a atividade econômica e a produção cultural. O centro parece necrosado. O tecido social perde coesão. A desorganização da cidade é espetacular com o choque do novo, da modernidade singular de Belém, expressão da necessidade que ela funda.

Belém, da "pobreza, miséria" aproxima-se da imagem esboçada de Benjamin (1994,146) para Nápoles, distinta por sua vida doméstica, diferente de todas as grandes cidades. Diferente de Paris no século XIX ou do limiar do século XX. O que é Belém, como cidade do Trópico, comparada a outras cidades dessa mesma faixa? Quais as singularidades de uma modernidade de Belém? Ou com outra formulação, qual é o *diferencial de modernidade* desta cidade?

Este tema ocupa um lugar central na reflexão dos países incitados pelo Ocidente e pelas classes dirigentes locais a renunciar à diferença, movidos compulsoriamente pela mundialização da economia. Latouche escreveu "On se modernise pour survivre, mais on se détruit pour être moderne." Que vantagens encontram-se na modernidade de países da América Latina, África, em relação aos países do chamado Primeiro Mundo? Modernidade frágil, descartável. Tal modernidade necessita ser redefinida, revalidada, questionada em diferentes momentos de um "antigo" e um "moderno". Modernidade relativa e contingente, mas que no processo de mundialização é percebida como um "absoluto".

Não por acaso, Baudelaire (1988,173) definiu o homem moderno por sua procura exigente e solitária: "Assim ele vai, corre, procura... esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, tem um objetivo mais elevado do que a de um simples *flâneur*... Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade". Esta questão conecta dois campos ou níveis: Primeiro nível: *Homo Modernicus*. A modernidade ao nível da subjetividade. A constituição do sujeito e o rearranjo da cidade, a interiorização do sujeito e os diferentes tempos da modernidade. O homem na cidade e a perda absoluta da individualidade. Individualidade no bairro, interiorização da

moradia. Segundo nível: Modernidade da Cidade. cidade despersonalizada: quais são suas alegorias, (desesperança) ? seus signos?, no sentido de formular perguntas à cidade sobre seus diversos retratos, a exemplo da arbitrária ocupação e uso do solo, ou das relações dos homens com a cidade. Que leituras críticas podem ser feitas sobre o presente desta cidade?

O processo de inteligibilidade da cidade de Belém torna-se possível pela percepção de sua modernidade e das imagens do passado reprimido. A linguagem da cidade reflete sua "experiência" de modo fragmentário e heterogêneo.

Finalmente, recorramos à literatura, como uma das personagens principais da dramaturgia criada em torno da cidade moderna, para expressar o paradoxo de Belém. Não por acaso, trata-se de um dos "cartões-postais" da cidade: o Ver-o-Peso.

Em 1928, escrevia Manuel Bandeira, no seu famoso poema antológico "Belém do Para":

"Nunca mais me esquecerei  
Das velas encarnadas  
Verdes  
Azuis  
Da doca de Ver-o-Peso  
Nunca mais"

Imagem lírica de Belém, fluida pelos olhos do poeta-visitante. Imagem do desejo de eternizar uma outra imagem: a das cores dessas velas que ornavam a baía: O Ver-o-Peso à margem dessas velas.

Outra "etiqueta" para esse "lugar" da Modernidade do século XIX, desenharia o seu entorno: os canhões fixados no Forte do Castelo, a sede do Arcebispado, a Catedral da Sé e os antigos Palácios da Prefeitura e do Governo do Estado.

Faltam, entretanto, as imagens e os fragmentos da cidade possível, aquelas que assaltam o transeunte, o "flâneur". Esse lugar dessas "frutas do mal": os mendigos e os boêmios, as prostitutas e seus cafetões, os meninos de rua e os policiais, misturados furtivamente com os vendedores que atravessaram a baía durante a madrugada.

Em Galvez imperador do Acre, de Márcio Souza, o Ver-o-Peso é uma imagem invertida, inspirada pela decadência. A mesma que os planejadores, os políticos e as elites combatem em nome, talvez, "das velas encarnadas, verdes, azuis" do poeta-visitante:

*"Na memória vem um luar derramando um brilho fosco. O Ver-o-Peso é uma silhueta, o mercado popular sempre movimentado, e naquela madrugada as ruas estão mornas. Os sobrados escurecidos. Os lampiões elétricos atraem centenas de borboletas que voam e caem no chão como granizo mole. Da baía de Guajara vem uma brisa que arrefece o calor e reúne o cheiro da vazante o mofo e ao odor de estiva. Aquela zona que recende a cumaru e pau-rosa, é uma parte imunda da cidade,*

*cheia de lama e lixo podre. Nas ruas que dão acesso ao mercado, a luz é precária e o movimento não é grande. Alguns boêmios transitam (...)"*.

"Galvez", esse outro visitante, em uma noite de julho de 1898, não fez a leitura da cidade pela grandiosidade dos valores de exportação da borracha, nem pelo fausto das elites. A "Belle Époque" é uma "idealização" da cidade invadida pelas "luzes" da civilização e do progresso. Em oposição a esse esplendor, Belém sob o luar de uma noite quente de julho. A cidade, quase deserta, como na Paris de Ategt, pode mostrar seu verdadeiro rosto. O mito do "Porto de Ouro" do Pe. João Daniel, que revive nessa experiência da cidade na "fase áurea da borracha", resiste a uma colagem com o passado da visita inquisitorial do século XVIII, que já assinalava, à semelhança de "Galvez", o lugar da sordidez e da miséria.

*"Me obrigaras a novas saudades  
Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé  
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas  
E o renque ajoelhado de sobradinhos coloniais tão bonitinhos".*

Voltamos a Manuel Bandeira. Em seu poema, nenhuma imagem concebe a pobreza, nem a sujeira, nem o doméstico da "Bembelelém", da "Belém do Para porto moderno integrado na equatorial". Mas, é esse poema que nos parece revelar o que ha de mais paradoxal, quando se faz a leitura da cidade e sua modernidade: ele acena para esse desejo, sempre renovado como "mágico", de "fantasiar" uma cidade sem "miséria", instauração do reino da ordem. Como "despertar" desse "sonho", dessa "fantasmagoria" que domina nossas angustias?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna In: *A Modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 159-212.
- BANDEIRA, Manuel. *Os Melhores Poemas*, São Paulo, Golbal Editora (7a. ed.), 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II* Rua de Mão Única, São Paulo, Brasiliense, 1994 (4a ed.) 277p.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas* (Magia Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura). São Paulo; Brasiliense; 1985
- BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Critica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo; Iluminuras/EDUSP, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Paris, Capitale du XIXe siècle*. Le Livre des Passages. Paris, CERF, 1989.
- BOLLE, Willi. *A Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1994. 427p.
- CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana., São Paulo, Nobel, 1993. 238 p.
- DANIEL; João. (1757?) *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*, Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 95, T 1-2, Rio de Janeiro, 1975.
- CHESNEAUX, Jean. *Modernité-Monde*. Brave Modern World, Paris: La Découverte, 1989. 233 p.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva, FAPESP/Unicamp, 1994. 142 p.
- LATOUCHE, Serge. *L'Occidentalisation du Monde*. Paris, Gallimard, 1989
- MORSE, Richard e HARDOY Jorge E. *Cultura Urbana Latinoamericana*. Buenos Aires, Clacso, 1985.
- SOUZA, Marcio. *Galvez imperador do Acre*, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.
- VIEIRA, Antônio. Padre. *Sermões do Padre Antônio Vieira*. Sl: Anchieta, 1944. 7 v.